



O ODISSEU

Edição 010
Abril de 2023



Amor & Literatura

SEM FANTASIA

A Psicanalista Ana Paula Gomes escreve sobre o Amor dentro do campo da psicanálise e sua interseção na literatura, com referências à obras de Chico Buarque e Clarice Lispector.

A Tentação de 'Tár'

Pulsão em transe: amor na terra da obsessão, por Hyann Pedro Rodrigues

Mata-me, Madre!

Tintas almodovarianas e o paradoxo do amor, por Ewerton Ulysses Cardoso



Ilustração de Cristiane Alvarenga
(@abstratas_cristianealvarenga)

Sumário

Prefácio, por Pedro Henrique Rodrigues.....	2
Reencontro, por Pedro Henrique Rodrigues.....	3
Mata-me, Madre, por Ewerton Ulysses Cardoso.....	4
Sem Fantasia, por Ana Paula Gomes.....	6
Martírio, por Pedro Henrique Rodrigues....	8
“Lolita”, “Carmilla”, “O Morro dos Ventos Uivantes” e o equívoco do amor, por Lili Baillargé.....	9
A Tentação de Tár, por Hyann Pedro Rodrigues.....	10
Amor, por Pedro Henrique Rodrigues.....	14
A irreverência popular de Zéu Britto e a desforra do erotismo popular, por Raique Lucas de Jessu Correia.....	15
Amar no Signo de Capricórnio, por Grazielli Fernandes.....	18
Amar, um verbo de ação, por Aline Félix...	20
Sobre a Revista O Odisseu e a missão de democratizar a literatura.....	22



"The Birth of Venus", de Alexandre Cabanel (1875), disponível em: metmuseum.org



Prefácio

Pedro Henrique Rodrigues

Uma equipe de pesquisa liderada pelo Dr. Piotr Sorokowski, da Universidade de Wroclaw, encontrou a primeira evidência de que o amor influencia no sucesso reprodutivo (considerando o número de filhos) no povo caçador-coletor Hadza da Tanzânia, escolhido por terem estilo de vida mais próximo ao de nossos ancestrais pré-históricos. Entretanto, questões surgem acerca do achado. Primeiramente, a interpretação pode variar entre culturas, uma vez que o conceito de amor não é universalmente associado ao sucesso reprodutivo. Os gregos antigos identificaram seis formas de amor: amor familiar (em grego, *Storge*), amor amigável ou amor platônico (*Philia*), amor romântico (*Eros*), amor próprio (*Philautia*), amor convidado (*Xenia*) e amor divino, ou amor incondicional (*Ágape*). Os autores modernos distinguiram outras variedades de amor: amor não correspondido, amor vazio, amor companheiro, amor consumado, amor apaixonado, amor próprio e amor cortês. As expressões e interpretações são múltiplas e únicas entre culturas. Além disso, nas sociedades modernas, os estilos de vida são bem distintos do estilo caçadores-coletores de nossos ancestrais.

Com o advento da reprodução solo, aplicativos de relacionamento e facilitadores de sexo casual, a opção por não ter filhos, o foco na própria carreira em detrimento de uma família com filhos, qual é o significado de tal achado de pesquisa? De tal forma, o que é amor em pleno século XXI? Em um cenário de debates sobre diferentes vivências, como é amar sendo homem ou mulher ou não binário, branco ou negro ou pardo, heterossexual ou homossexual ou bissexual, deficiente físico, socialmente inapto e tantas outras possibilidades de existência? Podemos também discutir o amor pelo seu suposto oposto: o ódio. Correlatos neurais apontam que a mesma circuitaria cerebral está relacionada com tais sentimentos: uma linha tênue separa os dois. Sendo assim, é possível existir amor sem ódio? A História humana é inexoravelmente escrita com sangue embebido de amor e ódio? Somos personagens de tragédias gregas dominadas por nossos paradoxos sentimentais? Esses são os motes da edição Amor da revista O Odisseu.

Com amor,
da Equipe da Revista O Odisseu.



Reencontro

Pedro Henrique Rodrigues

Oi, meu amor, bom dia!
Está tudo bem contigo?
Me pergunto como está
Todos os dias desde a sua partida
Houve tantas lágrimas
E pedidos de fé
É preciso mais do que força para viver
A verdade é que não esqueço
Do teu sorriso

Será, será, será, será
Que eu vou sucumbir à falta de você?
Amar, amar, amar, amar
Foi e é o meu verbo definitivo por você
Pensar, pensar, pensar, pensar
Nas peças que o destino prega em você
Sonhar, sonhar, sonhar, sonhar
Que eu te encontrarei é o que me resta para
viver

As primeiras memórias que tenho
São permeadas pelo teu sorriso
Que iluminou por completo aquele momento
E todos os que se seguiram
Os abraços apertados e os conselhos
irrepreensíveis
O cheirinho de tua comida feita com amor e
esmero
Tudo isso é memória que dói demais
A verdade é que desde o seu último sorriso
Estou definhando para logo morrer

Será, será, será, será
Que eu vou sucumbir à falta de você?
Amar, amar, amar, amar
Foi e é o meu verbo definitivo por você
Pensar, pensar, pensar, pensar
Nas peças que o destino prega em você
Sonhar, sonhar, sonhar, sonhar
Que eu te encontrarei é o que me resta para
viver

E agora, adeus novamente
Espero que esteja com Deus
Se um dia nos encontrarmos de novo
Eu só vou pedir para você
Que abra o teu sorriso
Pelo qual tanto valeu viver!



Imagem do filme "Dolor y Gloria", de Pedro Almodóvar (El Deseo)



Mata-me, Madre!

Ewerton Ulyses Cardoso

Dolor y Gloria (2019) é um filme com o qual desenvolvi uma memória afetiva muito profunda. Ainda lembro, em detalhes, como me sentia enquanto assistia. Há alguns elementos na película que me são atraentes por si só e que falam comigo de outros filmes de Pedro Almodóvar e outros de língua espanhola: a língua, para começar, é pura poesia. O espanhol é um idioma riquíssimo em beleza, pois consegue transmitir muita expressividade e dramaticidade e soa como uma música sedutora e apaixonante quando falada. Nos textos de Almodóvar (ele também assina o roteiro desse e de todos os seus outros filmes), a língua parece encontrar sua casa perfeita, era como se o castelhano encontrasse sua finalidade (no mais puro sentido de propósito) nos filmes do diretor. Como se todo o desenvolvimento sócio histórico da língua ocorresse tendo em vista apenas isto: ser entoada a língua em Dolor y Gloria, Tudo sobre mi madre, Hable con Ella, Mala Educación e outros títulos.

Ademais, a trama traz um personagem já conhecido de outras literaturas: o intelectual envelhecido, que encara o dilema de como seguir com a sua obra depois de ter alcançado o auge de sua

produção artística e polêmicas. Essa ideia do homem de meia idade ante o envelhecimento, o medo do esquecimento e o arrependimento de outrora me cativa. Vez por outra, sinto que eu sou esse próprio intelectual daqui a algumas décadas e, de certa forma, me preparo para encarar de frente esse sentimento.

Porém, de todos os aspectos que o filme alcança, o amor de mãe e filho é o que mais fala na obra. O personagem Salvador Mallo, interpretado por Antonio Banderas, está em constante reflexão sobre a sua relação com a mãe, Jacinta Mallo, que na versão mais jovem é interpretada por Penélope Cruz e na mais velha por Julieta Serrano. A relação de mãe e filho parece ser um desdobramento de um conto de Caio Fernando Abreu. Existe um estranhamento entre os dois. Jacinta nota muito rápido que há algo de estranho com o seu filho.

Quando criança, Salvador já demonstrava uma sensibilidade artística impressionante. Destaca-se cantando no coral de sua escola e olha para a caverna onde irá morar com a mãe para além do sinal de pobreza: vê a beleza da luz que entra pela claraboia e encanta-se pela acústica da

habitação.

Sensibilidade não é muito o que se espera de um garoto, ou de homens em geral, sobretudo na modernidade. A expectativa é de que os homens sejam rígidos e práticos. Salvador cresce sem saber o que fazer com esse dom (ou maldição) até encontrar o seu caminho no cinema. Torna-se um diretor renomado e conquista fama internacional, mas ainda assim há algo que falta... Há algo que o deixa vazio por dentro.

“Você não está sendo um bom filho”.

Jacinta pouco, ou nada, se importa com a fama internacional do seu filho. Seu grande objetivo não era que ele fosse famoso ou se destacasse entre os demais. O seu desejo era apenas criar um homem de princípios e que cumprisse a sua função socialmente. Isso não significa que ela não o amava. Amava-o, visto que era seu filho. Entretanto, não o reconhecia enquanto um bom filho.

Não o reconhecia, embora Salvador nunca a deixasse sozinha e a acompanhasse até o fim de sua vida em todos os processos de seu envelhecimento. Demonstra interesse e preocupação por ela, deseja tê-la por perto e também está disposto a cuidar dela. Essa incoerência não é um mistério. Jacinta é uma mulher religiosa que agarrou-se à fé na hora de criar o seu filho e de lutar contra as adversidades para não permitir que Salvador “se perdesse” (no sentido mais religioso da coisa).

O que faz um bom filho?

Muito se diz sobre a dificuldade de ser mãe, mas pouco se fala da dificuldade de ser filho. E aqui não falo simplesmente da pessoa que olha para os seus genitores. Falo da função de assumir o comprometimento em prol da saúde, segurança e bem-estar de sua mãe ou pai. É difícil ser filho. Porque ser filho é não admitir vontade própria, não se mostrar autônomo. Somente aqueles que se apegam aos princípios de seus pais são filhos. Os que rompem com os ensinamentos, deixam de ser filhos: matam os pais simbolicamente para poderem se afirmar enquanto indivíduo.

Na psicanálise, existe uma área inteira de estudos sobre essa questão, mas não poderei falar com precisão sobre isso. Porém, bem resumidamente, há apresentação da criança em seus primeiros momentos enquanto um ser que ainda não consegue distinguir o seu corpo do corpo de sua mãe, é como se fossem um. O rompimento dessa percepção gera a busca desenfreada por um parceiro ou parceira sexual que supra o espaço vazio que o corte do cordão umbilical proporcionou. Outras vezes, sequer há um

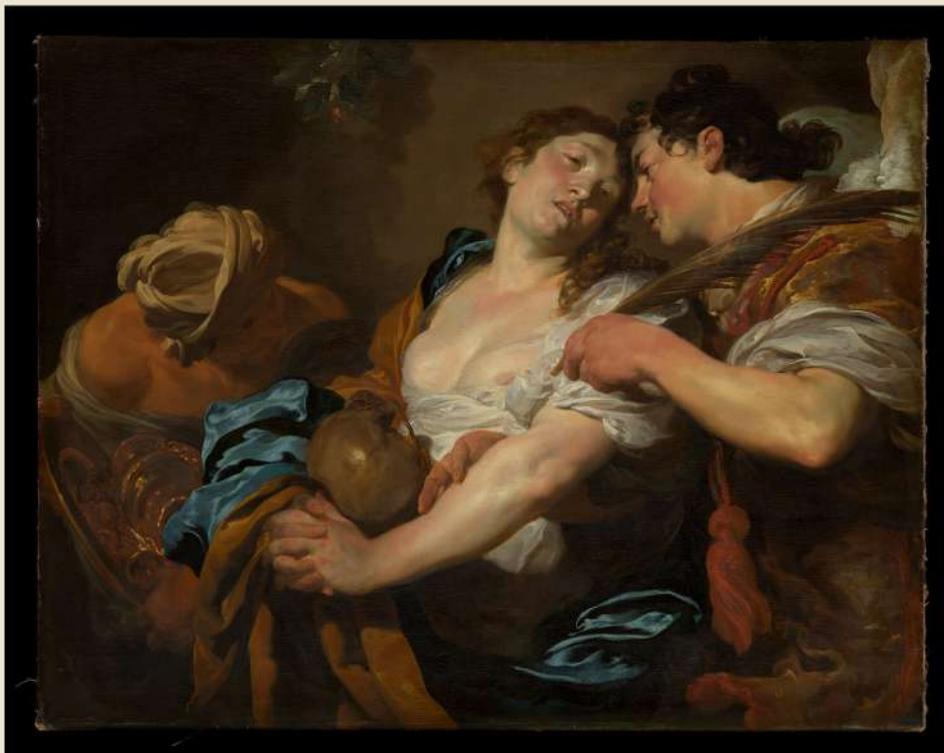
corte e, quando não se há o corte, é que de fato se é filho.

A verdade é que os filhos são filhos apenas enquanto não possuem autonomia. Depois, tornam-se apenas uma pessoa, um membro amado da família, mas uma pessoa. O cantor Ney Matogrosso contou em certa entrevista que precisou participar de uma espécie de ritual psicológico do qual ele precisava, em um estado de transe, matar os seus pais simbolicamente. Ele atribui essa decisão ao fato de conseguir se auto afirmar no cenário cultural e social da época e isso usando saias de palha, brincos, rosto pintado, corpo de fora. Isso não significa que não possuísse admiração e amor pelos seus pais. Pelo contrário! Amava-os, apenas reconhecia que não poderia mais enxergar seus pais como uma extensão de seu próprio corpo enquanto que os seus pais ainda o viam assim.

Salvador, por outro lado, tentou o que a maioria de nós pensou: em tentar manter a dupla relação de filho e não filho ao mesmo tempo. De seguir o seu caminho enquanto ainda tentava equilibrar a sua vida com os anseios de sua mãe. Jacinta estava certa: Salvador não era um bom filho. Não era porque ou se é filho ou não se é filho, sendo impossível ser os dois! (jamais devemos confundir o Não-ser com o Ser!). Jacinta, eventualmente, compreendeu isso, o que também fez com que ela se permitisse amar a Salvador sem que o enxergasse enquanto fruto de sua admiração. O amor, então, desenvolveu-se nas estranhezas, nas divergências e esse talvez seja o mais belo tipo de amor. Seu desejo, entretanto, era de que Salvador fosse o seu filho por completo.

Quando se escolhe essa tentativa de ser meio-filho, há a criação de um ambiente impossível de felicidade. Isso porque não se conseguirá nem ser um bom filho, quanto ser alguém livre. Essa ambiguidade é, ao meu ver, um mal-estar na sociedade. Talvez, devêssemos estar mais atentos à necessidade de cortar com bravura o cordão umbilical limitante que vez por enrola-se em nosso pescoço, tanto que são muitos os natimortos.

O saudável é que os pais matem seus filhos e seus filhos matem os pais. Porém, essa claramente não é uma proposta fácil.



"A Tentação de Santa Maria Madalena", de Johann Liss. Disponível em: metmuseum.org



Sem Fantasia

Ana Paula Gomes - Escritora Convidada

"Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma."

Clarice Lispector
em "Restos do Carnaval"

○ Carnaval já passou, mas o Arlequim continua chorando pelo amor da Colombina. Afinal, no ano do centenário da Portela, vale cantar com Paulinho da Viola, "amor não é fácil de achar". Uma grande maioria segue procurando o romance, e mesmo com o fim da festa do Momo, a busca pelo par não é sem fantasia, ainda que Chico Buarque advirta "que da noite para o dia, você não vai crescer".

Freud em seus ensaios sobre a sexualidade diz que todo encontro amoroso é na verdade um reencontro. Ou seja, na tragédia ou na comédia da psicopatologia da vida amorosa, não há como escolhermos nossos objetos, sem que estes portem a marca edípica de nossa constituição. Amamos em conformidade edípica, ou seja, amamos a partir do lugar no qual fomos moldados pelos cuidados que recebemos daqueles que nos retiraram do desamparo original – nossa condição humana na entrada do mundo. Não

à toa, o pai da Psicanálise também nos lembra, em "O Mal-Estar Na Civilização: "Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou o seu amor."

O sujeito se constitui no campo do Outro, é a partir do investimento dos pais, da libido destes que o bebê humano se constituirá como sujeito. Não há narcisismo originário da criança, a condição humana, ou seja, sua posição desejante, não está fundada apenas com seu nascimento, é necessário que haja lugar no desejo de seus pais para que ela se constitua como sujeito. É apenas com a palavra que lhe é dada, ofertada, que uma criança poderá dela se apropriar para também falar. Antes de falar, uma criança é falada pelos seus pais. Eles falam para e pela criança, mediados pelo amor. É o amor que permite aos pais interpretar o choro do infans, suportar a angústia da falta de palavra deste, e lhe dar lugar. Onde há palavra, há significante, há amor. Mas há também equívoco.

O resultado de nossa constituição subjetiva, que se dá no encontro do bebê, e da futura criança que dele advém, com suas

figuras parentais, é justamente a fantasia, ou seja o lugar que se supôs ocupar no desejo do Outro. O outro, com o qual nos relacionamos, é sempre um pouco mais, ou um pouco menos, a virtualidade da nossa fantasia, nunca o outro como exatamente ele é. A alteridade nas relações amorosas é uma quimera. A fantasia é esse véu com o qual vestimos o outro. Daí que no encontro de dois, a matemática seja aquela da canção, "tudo certo quanto dois e dois são cinco".

O diálogo é equivocante por estrutura, pois cada um conversa essencialmente com a sua fantasia, ou seja, com aquilo que supõe ser no desejo do Outro. O ímpeto do sujeito é se fazer escutar, se fazer reconhecer, ser compreendido pelos pares e ímpares. Missão impossível que leva a tão cantada solidão a dois.

Como Clarice anuncia: "...ninguém é eu. Ninguém é você. Esta é a solidão." E essa queima como água viva. Não há como escapar da solidão, mesmo quando se está acompanhado. O Outro, em última instância, é uma ficção que criamos, necessária para estarmos enlaçados no mundo, mas que não possibilita fazer Um com o Outro, fazer um de dois, o famoso somos um só.

"Solidão, quem pode evitar?" (Renato Russo). O encontro com o Outro porta a marca da castração, que o sujeito tende a tomar como frustração, porque lê na demanda que faz em suas relações, que não lhe dão o que ele pede porque não querem. Mas, efetivamente o Outro não dá porque não tem, porque a rigor sequer existe. Uma maneira de se evitar a solidão é o isolamento. No isolamento o sujeito salva seu Outro ideal e não precisa se confrontar com o impossível das relações humanas. É uma forma de fazer Um. Não há como evitar a solidão, mas isso não é ser solitário.

A solidão não é a exclusão do Outro, mas sim a separação do Ideal, o reconhecimento que no Outro também há uma falta. A real solidão verifica a inexistência do Outro da ficção do sujeito, e também o mantém enlaçado com uma possível alteridade: o outro é como é, e não como o sujeito supõe em sua fantasia, Isso pode viabilizar um amor onde se compartilhe a solidão, um silêncio onde se suporte o impossível de dizer. "Tudo que eu posso te dar é solidão com vista para o mar." (Alvin L.)

"Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão?" (Clarice Lispector). A sorte de um amor tranquilo, com sabor de fruta mordida, é poder estar o mais próximo possível da língua do outro, e não só para matar a sede na saliva, mas especialmente

não ter suas palavras, orações e preces, distorcidas pela fantasia do parceiro. "Queria falar sua língua" (Adriana Calcanhotto). Amar é deixar o outro ler o intraduzível para o próprio sujeito. Ser íntimo para o outro naquilo que se estranha nas entranhas do desejo.



Sobre a Autora

Ana Paula Gomes é Psicanalista e Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É também administradora da página "Psicanálise, Cinema e Literatura" no Facebook e @psicinemaliteratura no Instagram.



Martírio

Pedro Henrique Rodrigues

Seja na vida ou na morte
Era meu o seu destino
Ou era você ao meu lado
Ou sob o solo frio
Como você não me amava
Agora você não existe, não vive
Mas é o meu martírio

UM ano que se faz da sua traição
Flagrada sob arpejos no colchão
UMa decepção
UM ano que se faz da sua traição
Traíndo a mim e ao filho
Com o nosso inimigo

Você pediu a morte
Você não se incomode
Termine a sua tarde de amor, por favor
Esqueça que eu existo
Que nós temos um filho
Esqueça de viver
Sua mulher mais desprezível

Eu desejo a sua morte, oh, seu ser tão vil
E por outro lado a amo com ardor febril
Desejoso de tê-la em meus braços de novo
Amando-a sem remorsos
Mas enquanto a desejo ela prefere o inimigo
E, portanto, eu declaro o fim desse amor
sombrio
Nem que eu fique sem o meu amor e cheio
de dor

Chegando em casa eu e minha raiva
Nós decidimos o seu destino

Era sexta de tarde, quase ao pôr do sol
Depois do expediente veio ao meu lar, um lar
decente
E arrumou as malas e antes de ir embora
Eu perguntei se ia ao encontro do inimigo
E brigamos
O aço reluzente
EU sentindo o sangue quente
Era meu o seu destino!

Depois da sua morte só me resta o martírio
NOsso filho é renegado, é o você masculino
Já não durmo, vivo como um homem morto
É necessário findar esse desgosto

Eu deixei aos cuidados do destino o nosso
filho
Relembrando o seu desfecho estou sem
rumo e destino
Como você foi me machucar assim, meu
amor?

E já não posso mais suportar
Viver junto com esta dor
O seu pecado eu posso perdoar
Mas não aceito que se foi

Eu cansei de tentar tomar todos os coloridos
Nosso carro acelera em busca de um
precipício
É preciso que eu dê um fim à minha dor
Mas não aceito que se foi
Este canto de morte anuncia o meu fim
Desde a sua partida eu venho me destruindo
É loucura viver sem ter o seu amor

Seja na vida ou pós-morte
Estaremos sempre unidos
O nosso amor é abençoado
Eternizado em meu filho
Sua fraqueza foi perdoada
E agora, em espírito, estou indo
A encontrar no Paraíso



"Woman in Turkish Dress, seated on a Sofa" (1752) - Jean Etienne Liotard. Disponível em: metmuseum.org



"Auto-Retrato" (1858) - Henri Fantin-Latour. Disponível em: metmuseum.org



"Lolita", "Carmilla", "O Morro dos Uivantes" e o equívoco do amor

Lili Baillargé

Quando me contaram que o tema desse mês da revista seria o amor na literatura, eu pensei: "bem, bastante abrangente, acho que vou conseguir criar algo com certa facilidade". Acontece que quando você se propõe a falar de algo tão falado, logo se cerca da ideia de que não há uma forma tão surpreendente assim de falar sobre o tema, esse meu vício em novidade de certa forma me condena. Além disso, o tema é de fato abrangente, mas enquanto aceitava a condição de que o texto não seria nada tão novo assim, me vi frente a outro grande problema, eu não estava cercada de histórias de amor, pelo contrário, estava cercada apenas de histórias sobre a ausência dele. Como então poderia escrever sobre algo tão em falta na minha estante?

E então me lembrei de um texto, de uma das minhas escritoras preferidas, e certamente minha colunista preferida, Giovanna Madalosso, sobre um desses livros que tenho por aqui e são um total vazio com relação ao amor, mas que mesmo depois de tanto e tanto tempo e tantas discussões, algumas leituras desatentas, algumas leituras inexperientes, ou algumas leituras só realmente perversas ainda consigam dizer ser

ou se apresentar como uma história trágica de amor, mas como bem definiu Giovanna se trata de "uma narrativa sobre desejo (talvez paixão), doença mental, abuso e pedofilia", trata-se de Lolita de Vladimir Nabokov, esse talvez seja o caso mais grave, mas não é o único caso em que uma história que é sobre qualquer menos sobre amor, é interpretada como um romance romântico.

No seu grandíssimo texto, ela confronta o que sua memória jovem, e a memória compartilhada por outros jovens, afinal Lolita foi um febre, um ícone pop, tinha de ideia sobre a história e a protagonista, "uma garota insinuante e esperta, a ponto de, apesar dos poucos doze anos, manipular um homem de meia-idade.", com sua visão mais real obtida por uma leitura recente do clássico russo: "a ninfeta insinuante não passa da face minoritária de uma criança triste, perturbada e manipulada por um abusador."

"[...] eu não parava de me perguntar como, na minha primeira leitura, pude ter um olhar tão distraído, tão incapaz de perceber o lado mais gritante da obra.", bate o martelo Giovanna, se condena e conclui: "ainda que não saibamos definir o amor, da mesma forma que não sabemos definir outros sentimentos

grandiosos e complexos, sabemos o que ele não abrange. Quem ama não suborna, não estupra e nem destrói a juventude do ser amado." **Muito bem acertado e de uma forma que precisamos gravar para estender o exercício que proponho aqui para todas as histórias que você conhece e acha serem de amor. Começo por duas, ambas favoritas: "Carmilla" de Sheridan Le Fanu (1872) e "O Morro dos Ventos Uivantes" de Emily Brontë (1847).**

É bem verdade que a estranheza, no bom sentido, que o Sheridan narra Carmilla facilita na percepção de que algo não está certo com relação a história, não por causa do autor, mas de como ela passa a ser vendida, muitas pessoas chegam a essa história de horror tentando preencher a ausência de narrativas de romance entre duas garotas, é claro que há uma sensualidade nas imagens produzidas de Laura e Carmilla, mas na leitura a falsa sensualidade está misturada a confusão e angústia que poucos ilustradores conseguiram/decidiram transmitir por muito tempo. Carmilla não é muito diferente do Humbert Humbert de Nabokov, alguém que rouba a vida de uma pessoa muito mais frágil, A história de um crime e não uma história de amor.

Até pouco tempo a edição brasileira de Carmilla, Via Leitura (2018), trazia duas silhuetas femininas perto de consumir um beijo tão aguardado pelas órfãs de romances sáficos. As últimas três edições de Carmilla se desfizeram disso, duas delas trazendo apenas uma das personagens na capa, Pandorga (2022) e Darkside Books (2022), mas a terceira ao meu ver acertou em cheio, a edição da Editora Wish em parceria com a Clepsidra (2022) traz ambas personagens na capa, a sensualidade está presente por parte de Carmilla, mas o que está presente também é o olhar perdido de Laura recebendo a carícia, um trabalho impecável executado pela cirúrgica Caroline Murta.

Não diferente é o imortal, "O Morro dos Ventos Uivantes" da igualmente imortal Emily Brontë, que apresenta algo que pode ter sido amor em algum momento no início ainda que dotado de certa brutalidade pela aspereza dos dois, mas definitivamente não se desenrola como tal, apesar de muita gente acreditar que sim. Wuthering heights é sobre negligência, violência, sobre tragédias e paixões/obsessões dilacerantes e você deve saber bem disso antes de se aventurar nessa charneca. Não é uma história de um amor proibido, é a história de um amor interrompido no coração dos protagonistas diante da impossibilidade de se concretizar, tornando-se uma história sobre a degradação da humanidade na verdade.

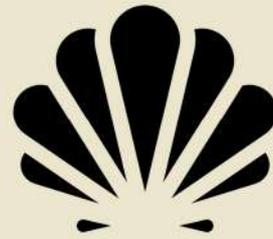




Imagem do filme "Tár" (2022), de Todd Field (Focus Features)



A Tentação de Tár

Hyann Pedro Rodrigues

O que leva alguém a ir à guerra mesmo sabendo que pode ser ferido? Essa reflexão foi durante minha adolescência inteira uma das mais indecifráveis, o que leva alguém a acreditar tanto em alguma coisa ao ponto de enfrentar a dor, a morte e a humilhação? Eu não entendia, e talvez ainda não entenda totalmente, esse sentimento que nos leva a arriscar todas as coisas e até a nossa integridade física em nome de algo. Mas o que é esse algo? Como definir isso que é tão concreto e imaterial?

"Que pode uma criatura senão/ Entre criaturas, amar? (...) O que é entrega ou/ adoração expectante/E amar o inóspito, o áspero. Um vaso sem flor, um chão de ferro/ E o peito inerte, e a rua vista em sonho/ E uma ave de rapina" **No amor e na guerra, dizem, vale tudo, e o filme Tár nos oferece um tratado sobre ambas as coisas, do suplício ao pathos, do monstruoso ao sublime. Na tentativa de alcançar o inatingível, refazendo os passos de Ícaro, mas talvez também os de Aracane, em algo que pode ser definido como a paixão de Lygia Tár.**

É em um sentido mais amplo o que é a arte se não a tentativa de alcançar algo inatingível, vencer o tempo e se tornar imortal

através de algo que por si só não tem vida, é antes de tudo inanimado. O que ela se não esse conceito chave que tantas vezes falhamos em definir, mas que parece tão basilar para a nossa existência tanto como indivíduos, como enquanto sociedade.

Não é a arte a tentativa humana, não a única, de domar o tempo? De capturá-lo com aqueles que sonhavam em capturar os raios, sem saber que ao tentar se queimaram, como na paixão de Marie Curie contada no poema *The power*, de Audre Lorde, na qual o motivo da sua fascinação e do seu poder era também o da sua destruição.

É na tentativa de vencer o tempo, de tentar explicar ou dar algum sentido para a experiência humana, e quais experiências uma pessoa, não teve, mas poderia ter tido que se constrói boa parte das nossas narrativas. Parafrazeando Walter Benjamin, jogando nas fogueiras ardentes de nossas vidas, páginas e páginas de livros que fazem reviver o nosso desejo de viver histórias. Ou como dizia Umberto Eco, viver 5 mil anos.

Talvez seja por esse motivo que tantos livros portam o nome dos seus protagonistas, *Mrs Dalloway*, *O falecido Mattia Pascal*, *Anna Karenina*, *Dom Casmurro*... Nos

fazendo mais uma vez arder de vontade, num eterno retorno a Gilgamesh e sua busca por algo maior, sem nome, o moinho de vento, além da floresta de cedros, algo que traga para nós, nas nossas brevidades, o viver para sempre. “E o beijo tácito, e a sede infinita”.

Tudo isso, a reflexão sobre a arte, os múltiplos tempos, está contido de maneira sutil no filme *Tár* (2023). O filme conta a história de Lygia Tár, regente da orquestra de Berlim que tenta alcançar um feito inédito até então, gravar com a mesma equipe a obra completa de sinfonias do regente e compositor Gustav Mahler na sinfonia de Berlim. O que vemos no filme é a queda de uma personagem que alcançou o máximo onde se podia ir dentro da sua carreira, alguém de um currículo tão impressionante que muitos espectadores saíram das salas dos cinemas convencidos que se tratava de uma biografia.

Tár tem muito a dizer, no entanto, para mim dois pontos são cruciais, o tempo e a fascinação/paixão, leia-se paixão no seu sentido mais amplo.

A personagem de Lydia Tár é tão bem construída. Alguém com uma história que é ao mesmo tempo, cheia de informações, mas também de lacunas e que como nas grandes narrativas, que ao não dizer tudo, vamos preenchendo ao nosso gosto e com o nosso referencial do que é a vida. As motivações, álibis ou provas da culpa de Lydia são no fundo, as nossas próprias motivações, álibis, provas projetadas no que esperamos/queremos que possa ter acontecido.

No entanto, acho que resumir Tár às sensações que o filme desperta e ao sentimento de acreditar que ela poderia ter existido ou do que de fato aconteceu, como se pudesse existir de fato algo que aconteceu, seria limitar demais todo um mundo de possibilidades que o filme nos apresenta. Há nisso algo muito além disso. Voltando ao que considero ser os dois temas-chave do filme, obsessão/paixão e o tempo, a grande fascinação de Lygia parece ser o tempo. Esse é inclusive o tema da sua entrevista no início do filme, no que parece ser uma espécie de manual de como interagir com certo aspecto da obra, um *playbook*. Nesse sentido, esculpir o tempo, também o nome do livro de Andrei Tarkoshi, parece ser a melhor definição do trabalho Cate Blanchett em *Tár*. Não só por retomar ao que Tarkovishi descreve como uma das principais maneiras de se trabalhar a sétima arte, mas também pela sutileza que o filme joga com a definição do que é o tempo. Existem múltiplos tempos em *Tár*. Sendo essa

a carne e o espaço do que nos é apresentado, o tempo, é o barco conduzido por Lygia Tár, mas também talvez o seu grande antagonista, seu mármore a ser transformado a fortes golpes em algo sublime, ou não.

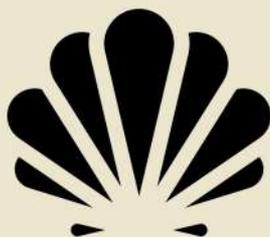
O filme, apesar de apresentar uma história inédita no cinema, recupera histórias de que todos nós já conhecemos. A busca da personagem parece ser a mesma de Charles Foster Kane, de Édipo, Prometeu, e Gilgamesh. A sua sede do inalcançável, que no filme toma forma através da tentativa de alcançar a perfeição na execução naquela que é uma das mais difíceis sinfonias de Mahler, é mais uma roupagem para a *Hybris* humana, a fome de poder das velhas narrativas que se refazem ao ser contados. O ciclo retroalimentado também é bastante explorado no filme.

O tempo também está presente na discussão sobre o peso das biografias na avaliação de uma obra de arte no conflito entre o cânone secular e os questionamentos de uma época em que existe um olhar mais atento para questões como misoginia, colonialismo e racismo. No próprio conflito de ser uma mulher lésbica, conduzindo em um cargo predominantemente masculino, e que afirma não olhar para questões identitárias e para as biografias dos artistas que executa. Mas que ao fazer a análise das obras de Mahler movimentando fatos como a sua separação, o fato de se basear na definição de tempo Talmúdica, entre outros aspectos biográficos. O tempo é central do começo ao fim e o filme nos mostra que ele é colocado de maneira consciente. Ao dizer que desde o início ao fim ela tem controle sobre as obras que conduz, Tár nos diz muito a respeito do que tenta fazer ao longo do filme, em que, até mesmo nos momentos de maior queda, traz para si uma aura de controle, como se tudo fosse, na verdade, o passo mais lógico e planejado a ser tomado.

A paixão de Tár é a sua tentativa de controlar o tempo e os outros a sua volta, de atingir o inatingível, a sua queda é o eterno retorno num anagrama que envolve toda a narrativa, para isso basta lembrar que *Tar>arT*. Sua ascensão e queda são a própria órbita do filme. Uma vez que, a própria noção de órbita de um objeto na física está ligado com a capacidade de cair infinitamente em torno de algo através de uma certa estabilidade. A queda de Tár não só é constante desde o primeiro momento, quando o fato do filme acabar com a mesma música e a mesma tela parece demonstrar que, na verdade, só demos mais uma volta na narrativa. Apontando tanto para a noção de Mahler da repetição exaustiva

para se atingir a perfeição, quanto também para uma noção Talmúdica, também compartilhada pela personagem, do tempo como circular.

Na sua paixão autodestrutiva em busca da perfeição, Tár é levada ao próprio suplício, sua via crucis é o próprio enredo da trama, mas talvez sua salvação também esteja no fato de que tudo se refaz, ainda que para se desfazer em seguida presa na sua própria toca de marmota.



"A Anunciação", atribuído a Girolamo Mazzola Bedoli.
Disponível em: metmuseum.org



Amor

Pedro Henrique Rodrigues

O amor é um bruto ofício
Do qual todos somos filhos
No ocaso de um desejo
Ou na glória de um beijo
O amor é o nosso destino

O amor em estado de graça
No abraço de um amigo
Em histórias que vovó contava
Em conselhos que mamãe dava
No olhar de um pai para o filho

O amor em carne exposto
O amor, anjo caído
AMor em lágrimas exaurido
Na traição de um amigo
Na despedida de um ente querido

Amar também é sofrer
É preciso saber conviver
Com os prazeres e as dores
De amar alguém que te faz bem
E de vê-lo partir também

Mas parece tão fácil
Esse tal exercício de amar
"Mantenha consigo os amigos
E afaste o mal dos seus detratores"
Mas a grande verdade
Amor, eu não sei amar
Eu vivo sorrindo ao inimigo
E fechando os olhos
A quem me tem amor
Oh, Amor

Àqueles que amam
Eu espero ter correspondido
Que a fina adaga do tempo
Não me faça entrar em desespero
Quando eu os tiver perdido

Àqueles que me odeiam
Tintas vezes a eles sucumbi
Que a forte espada da raiva
Não me faça causar mágoas
Se esse ódio causar-me desatinos

Amar também é pensar
Lidar com o que está sentindo
Ser consciente de ter o poder

De amar e machucar alguém
Até quem mais te quer bem

E a quem me amar
Amor, faça-me honrar
Não faça eu perder um amigo
E me afogar em culpa depois
E a quem me odiar
Amor, faça eu perdoar
As marcas de um desatino
Sempre acabam em dor e remorso
Oh, Amor

E quem sabe? Deus quem sabe
Que histórias eu terei para contar
Quando velho, ao meu neto, aos estranhos
Sobre o que é o amor
E quem sabe? Deus quem sabe
Se eu velho saberei o que é o amor

O amor tem mil faces
É do âmago humano um prisma
Dimensionando o homem
Em toda a sua tragédia e esplendor
E, meu Deus, quem sabe
O tempo possa ensinar
Que a vida é um grande idílio
Mas cegos, só percebemos na morte
Que o que vale a pena é o amor



Divulgação. Disponível em: <https://festivaldevitoria.com.br/conteudo/uploads/sites/3/2019/08/Z%C3%A9u-Britto-Site.png>



A irreverência poética de Zéu Britto e a desforra do “erotismo popular”

Raique Lucas de Jesus Correia

Em sua tese de livre-docência, *A Onça Castanha e a Ilha Brasil*, Ariano Suassuna propõe uma rica e profunda reflexão sobre as culturas brasileira e latino-americana. A partir de um encadeamento de mitos e profecias, Suassuna procura ressaltar algumas das principais características do nosso espírito “insular”, algo que se reflete primordialmente nas Artes. Segundo Suassuna, se analisarmos o povo brasileiro do povo de vista do seu comportamento social, de sua psicologia, de sua história, de sua estética, encontraremos sempre uma tendência assimiladora e unificadora de contrários. É por isso que somos, no dizer de Suassuna, ao mesmo tempo “noturnos e solares, apolíneos e dionisiacos, mais dançarinos e musicais do que reflexivos, mais da ‘plástica sensual’ e da pulsação do ritmo estético do que da abstração”.

Entretanto, como adverte Suassuna, essa tendência para a festa, a sensualidade, o prazer, às paixões, à embriaguez orgiástica e selvagem, complementa-se, por outro lado, com a nossa veia apolínea, solar e realística, formando o “espírito castanho” que é síntese da nossa Cultura; “o espírito mágico e fantástico complementado pelo realismo crítico

e satírico; metamorfose da florescência e da decomposição; cotidiano e quimera; a presença do dionisiaco buscando o gume contido e a garra da forma despojada do apolíneo; violência e mau-gosto do popular e refinamento do erudito; o épico e a introspecção individual chegando esta às vezes à idolatria do Eu; o lirismo personalista e o social coletivo; as convenções e a festa; o Belo e o Feio; espírito profético e comportamento orgiástico; o vegetal da Mata e o deserto do Sertão; o Trágico e o Cômico; a aldeia e o mundo; otimismo e pessimismo; embriaguez da Vida, o pé e a cinza da Morte; o Dramático e o Humorístico; o fogo da destruição e o culto da florescência e da ressurreição”. Esses traços estão presentes, prossegue Suassuna, nas obras de José de Alencar e Euclides da Cunha, nos murais de Portinari e nas gravuras de Samico, nas esculturas de Brennard e Aleijadinho, nas composições de Villa-Lobos e Antônio Madeira e, até mesmo, no pensamento filosófico de Matias Aires.

Na contemporaneidade, acredito que alguns artistas nos são igualmente representativos desse “espírito” reportado por Suassuna. Embora não queira me arrogar a construção de uma lista exaustiva, poderia

citar, dentro desse seguimento, alguns grupos que surgiram na própria esteira do Movimento Armorial, como o “Madureira Armorial”, o “Quinteto Aralume”, o grupo “Rosa Armorial” e o “Quarteto Arraial”, também o “Grupo Grial de Dança”, criado pelo próprio Suassuna e pela coreógrafa Maria Paula Costa Rêgo em 1997, além, é claro, de artistas já consagrados, como o músico e instrumentista Antonio Nóbrega que, tendo participado da primeira formação do “Quinteto Armorial”, seguiu depois uma longa e prestigiada carreira solo.

Todos esses artistas, é verdade, foram direta- ou indiretamente influenciados pelo Movimento Armorial, de modo que é natural que haja em suas produções essa ligação com o “espírito castanho” esboçado por Suassuna em sua tese e também disseminado em suas obras. Não quero com isso cravar que essa ligação tenha ocorrido pura e simplesmente pela proximidade desses artistas com Suassuna, acredito que, assim como o “armorial”, tudo isso faça parte de um processo intuitivo maior, embora o Movimento tenha sido de considerável relevância ao apontar um caminho para a Arte brasileira em sua conexão indissociável com as raízes populares da nossa Cultura.

Com efeito, já faz algum tempo que conheci um artista que, sem qualquer ligação com o Movimento Armorial, me fez recordar a tese de Suassuna, inspirando-me, inclusive, a escrever este ensaio. Nascido em Jequié, Zéu Britto não é bem o que chamaríamos de um “jovem artista”, já que é um “velho” conhecido do teatro e da televisão brasileiras, com diversas aparições em novelas, séries, filmes e até no já extinto “Programa do Jô”. Aliás, foi assistindo o “Programa do Jô” que tive a felicidade de ver pela primeira vez uma apresentação do Zéu Britto. Com seu jeito despojado e alegre, a plateia debandava em gargalhadas a cada música que Zéu cantava, sempre acompanhada de uma história. Mas enquanto a plateia parecia fazer “pouco caso” da figura de Zéu, visto como uma pessoa excêntrica, eu não enxergava outra coisa senão um artista verdadeiramente comprometido com o “espírito castanho” do povo brasileiro. É que a música de Zéu não era feita para “rir” (pelo menos não no sentido do desdém), se ali havia algo de cômico — e havia —, é porque o povo brasileiro é cômico, mesmo nas situações mais trágicas da vida. Assim, uma vez que sua Arte procura se alimentar do real e recriá-lo, seja os próprios causos vividos ou ouvidos, naturalmente todos esses elementos do cotidiano ali se fazem presentes.

Algum tempo depois, encontrei no Youtube uma entrevista do Zéu para o programa “Provocações”, apresentado pelo Antônio Abujamra. Ali, mais uma vez, a Arte de Zéu passou despercebida pelo “eruditismo” de Abujamra. Longe de mim querer desrespeitar ou mesmo atentar contra a inteligência magistral do Abujamra. Mas me chamou bastante atenção que ele, conhecido exatamente pela sua irreverência, não tenha percebido essa mesma irreverência na obra poética e musical de Zéu. Se percebeu, então escondeu muito bem e também me enganou muito bem (o que não seria improvável em sendo o Abujamra). De qualquer modo, para além de qualquer excentricidade, o que talvez deixe as pessoas em polvorosa com o Zéu Britto, seja a falta de “pudor” das suas letras, que assusta tanto os hipócritas, quanto os “pudicos da palavra” — se é que não são a mesma coisa. Digo “pudicos da palavra”, porque os “pudicos de alma” não existem, o que existe — e era o que Foucault tentava nos dizer a todo momento em História da Sexualidade —, são os sonsos “vitorianos” que reprimem o erotismo para promovê-lo. Zéu faz o contrário, não reprime, escancara, e ao escancarar nos convida a uma deliciosa experiência pela via da “poética popular” que está no cerne do “erotismo” de suas canções — como é patente na faixa musical Urubu Rei, cuja letra está reproduzida abaixo.

Urubu Rei – Zéu Britto

Urubu rei só quer filé,
Ele só quer filé, quando voa baixo,
Embaixo da saia das moças
Ele quer bicar,
Mas nenhuma moça viva quer deixar.

Urubu rei só quer filé,
Ele só quer filé,
Ninguém acredita,
Quando rola um enterro de mulher bonita,
Ele desce correndo do céu pra comer a
marmitta.

Ele é rei,
Capitão dos sete ares,
É o primeiro a merendar,
Ele é rei,
Com olhar de gavião e um excelente paladar,
Ele é rei,
No sertão ele é sobrenatural...
Cuidado!
Ele vai, vai, vai...
Beliscar teu bacalhau.

Em Zéu, a “plástica sensual” e a “pulsção do ritmo estético”, para retomar as expressões de Suassuna, despontam como marcas características das suas criações. A própria “simplicidade” e a forma “espontânea” com que incorpora essas características, também é característico do modo de ser e de viver do brasileiro. Aquilo que muitos interpretam como “vulgar” e “grosseiro” na obra de Zéu, eu interpreto, na linha de Suassuna, como algo verdadeiro e sincero, como um retrato legítimo das safadezas, dos amores e das paixões que fazem parte da vida, que vivificam a vida e que, por isso mesmo, potencializam a experiência vivida. Também nisto Zéu honra o “espírito castanho” dos povos da Rainha do Meio-Dia (africanos, brasileiros, mexicanos, mediterrâneos...), povos que, como escreveu Suassuna, são “mais estéticos, eróticos e contemplativos – povos mais musicais, apolíneos-dionisíacos, noturno-solares e dançarinos”. É, pois, daí que Zéu extrai a sua música, ou melhor, a sua poesia transvertida em música, como um bardo do “erotismo popular”, immortalizando em canções a pulsão amorosa e sexual que ascende da alma humana; e isso que pode parecer seu principal defeito aos olhos dos pudicos e eruditos, é, talvez, sua melhor qualidade, sua originalidade mais profunda.

A poesia musical de Zéu é um retrato do amor livre, do amor de Vadinho, do amor que não conhece restrições, porque opera como um exercício de liberdade – um amor, ao mesmo tempo, libertino e libertador. É por isso que em Zéu Britto, as tendências apolíneo-dionisíacas e erótico-amorosas da nossa Cultura encontram o seu marco, com toda a sensibilidade de um “amante do povo”, talvez o “último romântico” abaixo da linha do Equador, porque em Zéu não há indecências, mas sim aquele doce e afrodisíaco prazer do amor intenso.

É também assim que, ao cantar sem melindre o que as más-línguas temem, Zéu faz justiça ao gênero popular, objeto de tanto preconceito e desprezo das elites. A mesma elite “respeitável” e “moralista” que é conhecida pelas suas obscenidades às escuras. A irreverência poética de Zéu Britto é uma desforra contra essa impostura. É também uma desforra contra a impostura de cantores e artistas que, a pretexto de quebrar tabus, apenas reproduzem a devassidão e a luxúria da indústria de consumo, esses são indecentes e torpes, bem diferente do “erotismo popular” apreendido por Zéu em suas canções e que também está presente no cotidiano, na poesia oral nordestina, nos folhetos de cordel e nas “anedotas proibidas” que são contadas (e cantadas) pelo povo.



“Estátua de Hermes de Marble”. Disponível em: metmuseum.org.



"The Source of the Loue" (1864) - Gustave Courbet. Disponível em: metmuseum.org.



Amar no Signo de Capricórnio

Grazielli Fernandes

O amor é, sem dúvidas, o sentimento mais poderoso da humanidade. Ao contrário de muitas outras habilidades emocionais que vamos adquirindo ao longo da vida, já nascemos com a predisposição para amar. O amor é o que nos faz sobreviver e lutar contra a desumanidade que permeia nossas relações.

Desde os tempos mais longínquos, esse sentimento tem sido descrito de diferentes formas. Existe até uma deusa grega do amor, da beleza e da sexualidade - a Afrodite. Ela é capaz de fazer qualquer homem ou deus se apaixonar por ela. Camões, no clássico "Amor é fogo que arde sem se ver", descreve esse sentimento de uma forma tão intensa e com sensações tão contraditórias que ainda hoje seus versos são lidos, ouvidos e transcritos por diferentes gerações. Ambos representam toda a intensidade e o poder do amor. Todo mundo - ou quase - identifica-se com Afrodite ou os versos de Camões. Canções, poesias, crônicas, contos, novelas, propagandas... Em tudo há amor. Aquele amor avassalador, capaz de transpor fronteiras, de findar conflitos. O amor carnal, o amor irracional. Ah, o amor... Quem nunca sentiu ao menos uma vez?

Outra forma de descrever o amor é pelos signos. Estão lá, no universo, as constelações, aquele conjunto de estrelas agrupadas de uma forma que nos permitem imaginar figuras que representam os signos. Aqui, na Terra, somos instigados a ler mais sobre nossa própria personalidade descrita pelos signos do zodíaco. Quando chegamos à idade da descoberta do amor carnal, buscamos nos signos aqueles que mais podem se identificar com o nosso. É só pesquisarmos na Internet para descobrirmos nossas características no campo do amor e com quem melhor combinamos. Há signos amorosos, dramáticos, ardentes... E há o signo de capricórnio, do qual faço parte.

Estamos falando do décimo signo do zodíaco, pertencente a pessoas nascidas entre 22 de dezembro e 20 de janeiro. Dos quatro elementos que regem os signos, somos terra. Pé no chão mesmo. A palavra-chave de quem é de capricórnio é racionalidade, inclusive no amor. Camões certamente não descreve a forma de amar de uma capricorniana. Para nós, amor não é um contentamento descontente ou uma dor que desatina sem doer. Na nossa visão, o amor não é tão complexo ou contraditório.

Amo de muitas formas, disso não tenho dúvidas. Na profissão, já fui descrita como “professora do amor”, por lutar pelos direitos das crianças e adolescentes e por uma educação baseada na horizontalidade. Na vida pessoal, sou uma amante de animais, daqueles que vivem nas ruas e que são invisíveis aos olhos da sociedade. Na família, demonstro o amor sendo o porto seguro e a confiança. No círculo de amizades, sou honesta, fiel e companheira.

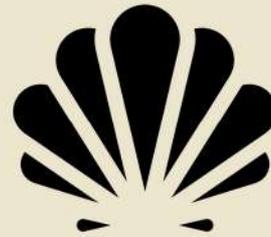
Mas quando o assunto é o relacionamento amoroso, as coisas podem mudar de figura. Talvez estejamos um pouco fora daquelas descrições de amor convencional. Os posts e vídeos engraçados sobre a nossa forma de amar nos colocam numa posição um tanto diferenciada. No meu círculo de amizades, convivo com algumas capricornianas. Nossos encontros são regados de humor sobre nossa forma de amar. Já nos perguntaram se tínhamos um coração! Claro que temos, a diferença está no compasso que ele bate. É até divertido ouvirmos a percepção que os outros têm de nós. Será que somos tão diferentes? O que significa o amor para nós?

Vitor Dicastro, do canal Deboche Astral, faz uma definição bem divertida desse signo. Vitor nos retrata como pessoas práticas, sérias e super racionais. Quem namorar com uma capricorniana, terá todas as garantias de estabilidade e segurança emocional e financeira. O/a parceiro/a não terá aqueles abraços calorosos ou café da manhã na cama, mas, por outro lado, sabe que terá fidelidade e aquele apoio para manter a vida organizada. No vídeo que assisti, uma pessoa de capricórnio com seu traje alinhadíssimo faz uma espécie de acordo com seu candidato a parceiro. Calma, aqui ainda bate um coração, que tem um dono só. Até porque, para nós, seria quase impossível gerenciar mais de um relacionamento.

Drama? Nem pensar. Ciúmes? Só em último caso. Aquela exposição exagerada do casal nas redes sociais? Jamais. Sabe aquele amor que faz você parar o mundo só para vivê-lo? Não sabemos, porque buscamos o equilíbrio em todas as esferas. Ao menor sinal de desinteresse do outro, normalmente deixamos ir. Vida que segue. Tentamos planejar o amor. Temos nosso tempo e queremos nosso espaço.

Não é que não amamos incondicionalmente, muito pelo contrário. Apenas amamos de uma forma diferente. Como professora de Língua Portuguesa, não poderia deixar de fazer uma análise lógica do termo. Estamos falando de um substantivo

essencialmente abstrato. Justamente por isso, cada um de nós o descreve conforme nossas percepções e vivências. É importante sabermos também que, por sermos seres únicos, somos capazes de nos transformar e nos refazer sempre que o amor bate à porta. E depois de tantos anos em um relacionamento, a minha única conclusão é que, apesar de estar escrito nas estrelas, não há signo capaz de desvendar os mistérios do amor.





A escritora bell hooks. Imagem disponível em:

[https://s2.glbimg.com/8RJU2KAL-C48IbJJA-F2R11Zdc=/0x0:1000x712/1008x0/smart/filters:strip_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2021/q/p/72hqRBTpCOsQ4yfSaGZA/bell-hooks2.jpg](https://s2.glbimg.com/8RJU2KAL-C48IbJJA-F2R11Zdc=/0x0:1000x712/1008x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2021/q/p/72hqRBTpCOsQ4yfSaGZA/bell-hooks2.jpg)



Amar, um verbo de ação

Aline Félix

Você já leu o texto Amar no signo de capricórnio?

Esse texto está aqui na revista, foi escrito pela nossa colunista Grazielli Fernandes e indico ler antes de continuar esta leitura, não que seja uma continuação ou faça algum link que comprometerá o entendimento do texto a seguir, mas porque eu sou de capricórnio e talvez isso te ajude a entender a minha abordagem sobre o tema (mas, caso você seja um cético, que não acredita que algum alinhamento de estrelas e planetas tenha influência nos teus dias e atitudes, vale à pena ler o texto da Grazi mesmo assim, pois boa leitura sempre faz bem).

Então, vamos lá ...

No ano passado eu participei de um grupo de leitura com algumas amigas, e um dos livros sugeridos foi: Tudo sobre o Amor, da bell hooks.

Sinceramente, não fosse bell a autora, teria declinado do convite, pois achei o título um pouco presunçoso e com cara de autoajuda, mas bell é bell e então já fiquei empolgada para ver o que ela teria a dizer sobre o assunto, uma vez que no livro O feminismo é para todo mundo ela já dá algumas pinceladas bastante instigantes sobre o tema.

Como sempre, a autora não decepcionou.

Vários foram os temas que ela abrangeu dentro do ponto de vista do amor, mas antes de abordar esses assuntos, quero contar que já no início do livro ela faz algo que para mim, que sou um tanto racional (aquela parte capricorniana que falei...), foi de extrema importância: ela trouxe a definição do amor, algo que desde sempre aprendemos (pelo menos eu aprendi assim) que é algo intangível, um sentimento indescritível e, por consequência, indefinível. Não obstante, eis que ela nos diz:

“Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar.”

Crucial não é mesmo?

Inclusive, também no ano passado, teve um quadro no Fantástico, da Rede Globo, que se chamava Isso Tem Nome e trazia definições de alguns sentimentos ou situações enfrentadas por mulheres e que causavam incômodo. Achei essa ferramenta poderosa: nomear, pois gera debate e conhecimento, e muitas vezes pensamos que

aquilo (sentimento/situação) é algo da nossa cabeça ou só está acontecendo conosco, e então não adianta questionarmos, nos sentimos impotentes. Mas quando essas situações são definidas, descritas, nomeadas, elas passam a ser mensuráveis, tangíveis, pode haver discussão sobre e assim entendemos que não estamos sós, nem “criando coisas”.

Mas voltando ao livro e à definição de amor, hooks escreve:

“A afeição é apenas um dos ingredientes do amor. Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes — carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta. Aprender definições falhas de amor quando somos bem jovens torna difícil sermos amorosos quando amadurecemos. Começamos comprometidos com o caminho certo, mas seguimos na direção errada. A maioria de nós aprende desde cedo a pensar no amor como um sentimento.”

Amor é ação. Na verdade, um conjunto de ações. Parece que fica tão simples entender o amor dessa forma, não acha?

Ela ainda complementa:

“Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento.”

Não é à toa que o título desse primeiro capítulo do livro se chama clareza: pôr o amor em palavras.

Outra questão que penso que sempre vem à nossa mente quando o assunto é amor, é o amor romântico, como se apenas essa forma fosse a possível e então, como envolvem questões bastante íntimas, reservamos esse assunto para falar somente com as pessoas que são extremamente próximas ou nem falamos. Só que depois de ler Tudo sobre o amor, entendemos que realmente tudo é sobre o amor - nossos primeiros relacionamentos ainda na infância dependem de “carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta”, ou seja, amor - e assim é até o fim, como citou bell hooks no capítulo perda: amar na vida e na morte:

“Durante o funeral da irmã, minha amiga fez um discurso no qual declarou: “Sua morte fez com que nós a amássemos completamente”. Somos muito mais capazes de abraçar a perda de pessoas íntimas que amamos ou de amigos quando sabemos que demos a

eles tudo o que podíamos — quando compartilhamos com eles o reconhecimento mútuo e o pertencimento no amor que a morte jamais poderá mudar ou tirar de nós. A cada dia, sou grata por ter conhecido um amor que me permite aceitar a morte sem qualquer medo de incompletude ou falta, sem qualquer sensação de arrependimento irreversível. Esse foi um presente que você me deu. Eu o aprecio; nada muda o seu valor. Ele permanece precioso. Amar faz isso. O amor nos empodera para viver plenamente e morrer bem.”

Espiritualidade, comunidade, cura, destino, ganância, justiça, valores, dentre outros, também são capítulos deste livro - assuntos permeados pelo amor.

Nestes últimos tempos, o desamor foi uma epidemia que tomou proporções pandêmicas; o desamor assola o mundo, e percebemos isso pela falta de ações de “...carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (acho importante ficar repetindo essa definição de amor, para que ela se torne parte de nós). Em algum momento, pensamos que talvez fosse ocorrer o inverso, que por conta do que passamos com a COVID-19, as pessoas teriam um novo olhar sobre as outras, mas o desamor também é um negócio, um comércio rentável, que vai desde o consumo desenfreado até as guerras, que é uma das coisas mais irracionais já criadas pelo homem.

Para finalizar, admito, assim como a autora objeto destas divagações, que nem só de racionalidade vive o amor, e bell nos fala disso quando aborda a espiritualidade e, no capítulo final, quando nos fala dos anjos e do destino:

“Não importa quão dura ou terrível seja nossa vida, ao rejeitar o desamor — ao escolher o amor — podemos ouvir as vozes da esperança que falam ao nosso coração — as vozes dos anjos. Quando os anjos falam de amor, eles nos falam que apenas amando adentramos um paraíso terreno. Eles nos dizem que o paraíso terreno é nosso lar, e o amor, nosso verdadeiro destino.”

Enfim, como nos diz o poeta (quem sabe não são os poetas anjos que caíram dos céus no plano terreno?) Drummond:

“Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer, amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?”

Amemos!!



Sobre a Revista O Odisseu e a missão de democratizar a literatura

A edição que você acabou de ler não custou nada para o seu bolso e a nossa missão é que seja justamente assim. Isso porque nós da Revista O Odisseu acreditamos que a literatura é um importante instrumento para a construção da memória nacional de um povo. Acreditamos tanto que nos dedicamos por dias e semanas para a criação de um conteúdo que seja de graça e que também seja de qualidade. Para isso, formamos uma equipe multidisciplinar, com colaboradores de todo o Brasil e também de diversas áreas profissionais. O que nos une é o amor aos livros.

Assim, conseguimos atuar de forma multimídia, pois estamos no Instagram, Spotify, como revista e em breve em mais redes sociais. Há dois anos estamos sendo bem-sucedidos nessa missão. São mais de 500 assinantes que recebem os nossos periódicos sem custar nada! E o que mais nos emociona são todos os relatos que recebemos.

Você também acredita no poder da literatura? Então saiba como nos ajudar!



Ao longo desses dois anos, a continuidade do projeto somente foi possível por meio da ajuda de diversos colaboradores. Caso possua interesse, veja aqui algumas formas de nos ajudar:

* **COMPARTILHE:** Mande a revista para os seus amigos, segue a gente no instagram (@o_odisseu) e marca a gente quando estiver lendo a revista.

* **SEJA UM MEMBRO DO APOIA-SE:** você pode contribuir com a Revista com valores acessíveis, como R\$ 5, R\$ 10 e R\$ 15. Segue o link: <https://apoia.se/revistaoodisseu>

Ou então,

* **Manda aquele PIX pra gente de qualquer valor que ajuda muito!**
Segue a chave: revistaoodisseu@gmail.com

Vem sonhar um mundo de livros com a gente!

Revista O Odisseu
Edição e Editorial: Ewerton
Ulysses Cardoso, Aline Félix,
Caio Paiva Ribeiro e Pedro
Henrique Rodrigues
Diagramação:
Ewerton Ulysses Cardoso
Arte da Capa:
Ilustração de Maicon Aquino
(@aquinart) e design de
Ewerton Ulysses Cardoso.